

19 POEMAS SEM TERRA

Carlos Pronzato

POEMA 1

Reforma Agrária
É palavra
Que dói na alma
Que grita na calma
De quem
Não se levanta

Reforma Agrária
É bandeira
Que clama
Revolta
E apenas reclama
“na lei ou na marra”
Com uma palavra:
Terra!

POEMA 2

As cercas
Crescem com o dia
Demarcam
A imensidão
Do latifúndio
E calam
O murmúrio
Das sementes

Nas madrugadas
O camponês
Arma o coração
Da derrubada
O arame farpado
Não deterá jamais
O grito
Da aurora
Ocupada!

POEMA 3

Quem te dará
A terra
Se não forem
Tuas mãos?

Quem te dará
A terra
Se não forem
Teus braços?

Quem te dará
A terra
Se não fores tu
Trabalhador do campo
Que semeias
Com suor
E sangue
O silêncio
Que geme na terra
O teu canto?

Quem?

POEMA 4

Teus pés
Tocaram
A terra ensangüentada

Teu coração
Decidiu
Tomar as armas

Tua cabeça
Ajusta
O alvo.

POEMA 5

Oh Liberdade!
Espalha no sereno
As armas
Da ocupação

Somos cúmplices
Das flores

Abre a facção
Uma clareira
No tenebroso
Latifúndio

Somos cúmplices
Dos pássaros

Assobia para nós
Aquele cântico
Infinito dos rebeldes

Somos cúmplices
Do vento

Oh Liberdade!
O teu coração
Tem o cheiro
Da terra
Do outro lado
Da cerca.

POEMA 6

A lua ilumina
A extensão
Do latifúndio

A terra encarcerada
Chama seus guerreiros
Aguarda noturna
Seus filhos
De punhos erguidos

Seu grávido silêncio
Cresce
No grito
Que nascerá amanhã
Infinito

A terra cultivada
É um sulco
Na memória

Recorda ao Homem
Seu estado continuo
De semente

Seu instante
Seu fim
E o seu principio.

POEMA 7

Escorre a terra bruta
Entre os dedos rudes
Do camponês/artista

Deslizam
As sementes
Soprando vida
No antigo latifúndio
Improdutivo

Como o escultor
Seu bloco de pedra
Suas mãos fecundam
O relevo da terra

Tornam a matéria
A arte milagrosa
Do alimento

Esse pedaço
De pedra
De terra
Em breve
Será pão
Será sustento
Escultura
Da terra lapidada
A partir de uma semente.

POEMA 8

Fileiras de eucaliptos
Asfixiam o horizonte

Os tanques
Das multinacionais
Esmagam a natureza
Com a indústria
Da celulose

A tarde espalha
Seu cântico de resistência
No som agudo e afiado
Dos facões

Fileiras de sem terras
Enfrentam

A invasão
Das empresas escandinavas

A intifada camponesa
Resiste
A machadadas.

POEMA 9

As mãos
Afundam seu suor
Na terra

A semente
Pergunta:
“Aonde estão
As outras mãos
Tantas mãos
Que querem
Plantar?”

“Presas
Nas correntes do latifúndio”
Respondem
As mãos
Que podem
Plantar

“E essas correntes
São tão indestrutíveis
Que milhões de trabalhadores
Não as podem quebrar?”
Disse a semente
Antes de mergulhar
Definitivamente

A resposta
Foi um eco de silêncio
Que perdura...
E a semente
Desde o fundo
Da terra
Ainda pergunta:
“Até quando?”.

POEMA 10

O camponês
Como o pescador
Lança sua mão

Armada
De enxada
E chão

Recolhe
Seu sustento
Até onde o latifúndio
Impõe
Seu horizonte
De desolação
E fome

O camponês
Aguarda

Sua úmida lagrima
Molhará
A semente
Da Reforma Agrária.

POEMA 11

Para encontrar
Tua imagem
Segue o vento
O rumo das estrelas
Camponesas

Ela irrompe
No sereno
Derramando as luzes
Da manhã
Vêm dos ossos
Daqueles que tombaram
Na luta
Pela Reforma Agrária

Para encontrar
Tua imagem
Segue o rasto
Da chuva
No horizonte
Ela reflete
No sulco
Que deixam
As enxadas

Para encontrar
Tua imagem

Respira fundo
A umidade da terra
Molhada.

POEMA 12

Terra
Aguda flor
Em infinito parto

Mestiça e nômade
Pólen que alimenta

Seu ventre
Sempre aguarda
Uma semente

A terra
É como um berço
Seu embalo
É o sopro
Do universo.

POEMA 13

Ocupação
Não rima com
Latifúndio

Cooperativas
Não rimam
Com exploração

Reforma Agrária
Não rima com
Herança escravocrata

Camponês
Não rima com
Usineiro

Liberdade
Não rima com
Opressão

Sem terras
Só rimam
Sem cercas.

POEMA 14

Nos campos devastados
Pelo lucro transgênico
transnacional
Mãos sem terra
Plantam o mastro
Com a bandeira
Do MST

Nos olhos
Camponeses
Refletem as lágrimas
Da terra liberada

Tremula o coração
No vento matinal

O arame farpado
Ficou no chão
Por cima
Passaram as mãos
Com sementes naturais
Por cima
Passaram os pés
Da Liberdade!

POEMA 15

Mulher camponesa
Desata a alegria
Do teu ventre
Que o teu silêncio grite
E espalhe sua semente!

Ocupa o ar
Com teu boné vermelho
E marcha
Sobre as terras
Que invadiu o latifúndio!

Não há maior vitória
Que dar a luz
Do outro lado
Da cerca derrubada
À luz das terras
Recuperadas!

POEMA 16

Na lona preta
Caiu uma estrela
Fugaz e repentina
Como o sono
Dos camponeses
Que aguardavam
Para ocupar
Uma fazenda improdutiva

Na escura madrugada
Sua luz amiga
Iluminou
O caminho
Da tranqueira derrubada

Depois partiu
Deixou a sua marca
Luminosa
Pelo chão
Refletindo no metal
De algum facão.

POEMA 17

Abertas
Na imensidão dos campos
Feridas
E mortes
Sem terra e sem justiça
Como o sangue
Derramando
Do vermelho das bandeiras

Marcas indeléveis
Nas estradas
Ocupadas pelas marchas
Esparzidas como apelos
Para a luta

Gritam
Desde os olhos
Camponeses desarmados
Detidos nos jagunços
Que disparam
O sangrento latifúndio

Gritam
Seu grito desgarrado
A espera do eco
Da memória
E da justiça restituída.

POEMA 18

Em ordenado silencio
A marcha camponesa
Avança
No calor do asfalto
Com o barulho do sangue
Reclamando nas veias
Com o sonho da terra
Incrustado na alma

São milhões
Os que querem
Plantar feijão
São poucos
Os que cultivam camarão

Os pés
Marcam no chão
O compasso
Da terra rebelada

O coração é o vento
Que inflama
Essa bandeira

São milhões
Os que sofrem
Debaixo de uma lona
São poucos
Os que vivem numa boa

As fileiras resguardam
O rumo certo
De um destino
Construído

Não está longe
O amanhecer
Definitivo.

POEMA 19

Estarão todos
Com sua própria historia
Nas mãos
Quando parar o pranto
Da última
Ocupação

Todos cantarão o hino
Sob o Cruzeiro do Sul
E alguma lágrima
Cairá no chão

Os pássaros
Estarão atentos
Para empreender seu vôo
E o vento
Soprará bem lento
Na bandeira
Do casal com o facão

Será um amanhecer
Inaugurado
Por um longo poema
Com muita terra
Nas mãos!